



A VERDADE DAS METÁFORAS: DUAS LEITURAS DE NIETZSCHE¹

Vinicius Oliveira Sanfelice

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (Bolsista CAPES), RS – Brasil.
vi.fast@hotmail.com

Resumo: Neste artigo pretendemos expor uma das muitas divergências que a obra de Nietzsche suscitou entre seus intérpretes franceses. Essa, em particular, diz respeito a uma possível teoria do conhecimento desenvolvida a partir das metáforas intuitivas originárias. Também diz respeito a uma das mais severas críticas que a filosofia e o conceitual receberam pela pretensão de alcançar a verdade. Essa dupla perspectiva está presente em *Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*, e iremos, brevemente, reconstruir as perspectivas de Jacques Derrida e Paul Ricoeur sobre esse texto, e as possíveis consequências que essas interpretações acarretam.

Palavras-Chave: Ricoeur. Metáfora. Nietzsche. Derrida.

THE TRUTH OF METAPHORS: TWO READINGS OF NIETZSCHE

Abstract: *In this article we intend to present one of the many disagreements that Nietzsche's work caused among his French interpreters. This, in particular, relates to a possible theory of knowledge developed from the originating intuitive metaphors. It also relates to one of the most serious criticisms that philosophy and conceptualization received for their pretense of reaching the truth. This dual perspective is present in Truth and Lie in the Extra Moral Sense, and we will briefly rebuild the perspectives of Jacques Derrida and Paul Ricoeur on this text, and the possible consequences that these interpretations cause.*

Keywords: Ricoeur. Metaphor. Nietzsche. Derrida.

INTRODUÇÃO

As divergências na interpretação da obra nietzschiana fazem parte da história de sua recepção na França, e também constituem a riqueza do que se convencionou chamar “o Nietzsche francês”. As características mais notáveis da filosofia contemporânea francesa, o uso das metáforas no discurso filosófico e a suspeita de diferentes matizes que lança à modernidade e à própria tradição das luzes, não poderiam prescindir da obra nietzschiana. E de fato, constantemente,

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no 1º Congresso Internacional Nietzsche e a Tradição Filosófica – UFMG (2012)

autores diversos são remetidos à tradição dessa recepção para melhor entendermos a influência de Nietzsche no presente. A história recente do pós-modernismo, principalmente a partir de sua disseminação pós-68, pode ser contada pela interpretação que alguns filósofos fizeram de Nietzsche. Ao unificar e classificar alguns desses autores como críticos sistemáticos e anti-humanistas, Luc Ferry e Alain Renaut consideram essas interpretações como uma derivação da filosofia de Nietzsche, hipoteticamente constituída de quatro elementos essenciais: o tema do fim da filosofia, o paradigma da genealogia, a dissolução da ideia de verdade, e o fim de toda referência ao universal. Ferry e Renaut fazem parte de um grupo que lê a obra nietzschiana contra a leitura pós-modernista. Essas divergências fazem parte da obra de Nietzsche, provêm da fertilidade dela, que parece exigir uma tomada de posição perante o texto: pró ou contra.

No artigo *Voltas e Reviravoltas: Acerca da Recepção de Nietzsche na França*, Scarlett Marton percorre a trajetória das principais interpretações do filósofo nesse país. Uma carta de André Gide (1900) sobre a falta de traduções francesas das obras de Nietzsche parece indicar o procedimento que no decorrer do século XX se tornaria comum: “[...] quase se pode dizer que a influência de Nietzsche importa mais que a sua obra ou até que a sua obra é unicamente de influência” (GIDE *apud* MARTON, 2009, p. 22). Na contemporaneidade, ele se torna “o filósofo dos intérpretes [...] sua obra se transforma em suporte dos discursos que ela suscita”.² Juntamente com Marx e Freud, reunidos num triunvirato por Foucault, inauguram a hermenêutica da suspeita, ou talvez sejam inaugurados como ferramentas para o procedimento da suspeita. Derrida, por exemplo, aplica esse procedimento nos termos de sua crítica à metafísica ocidental, incluindo aí o estatuto da metáfora no discurso filosófico. A exposição desse uso se deu num seminário realizado em 1969, e que veio a influenciar diversos trabalhos subsequentes que associaram Nietzsche a uma teoria da linguagem.

Para o jovem Nietzsche, em *Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*, a linguagem é fundamentalmente metafórica e o conhecimento baseado nessa linguagem não pode pretender a objetividade que assevera em seus juízos. As imagens transformadas em som e verbalizadas não são apenas a origem metafórica dos conceitos, são elas mesmas derivadas de uma metáfora – a transposição da experiência sensível, segundo Nietzsche. Nesse processo, as imagens possuem uma produtividade e uma riqueza original que, ao serem transportadas de forma arbitrária, engessam a linguagem. Para Ricoeur, que também entende a metáfora nesse sentido aristotélico de transporte, as imagens são derivadas da imaginação produtora – as imagens são produzidas por uma síntese de dois termos heterogêneos e contraditórios, que são aproximados no espaço lógico. A riqueza está na própria linguagem metafórica e a produtividade está na imaginação.

Vamos defender a ideia de que o impulso à verdade pode ser positivo se ele for considerado como impulso à verdade metafórica, ou à verdade dos enunciados metafóricos sintetizados pela imaginação produtora. Acreditamos que a fertilidade do texto nietzschiano está na sua proposta alternativa de uma teoria da representação a partir das metáforas, proposta que consideraremos de maneira análoga à teoria da imaginação e linguagem desenvolvida por Paul Ricoeur.

² MARTON, Scarlett. Voltas e reviravoltas. Acerca da recepção de Nietzsche na França. In: MARTON, Scarlett. (Org.). *Nietzsche, um "francês" entre franceses*. 1ª ed. São Paulo: Barcarolla, 2009, v. 01, p. 13-52.

1. A TESE DE NIETZSCHE: DUAS LEITURAS

A primeira leitura de *Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral* revela uma crítica antropológica à natureza do conhecimento, quando a pergunta é sobre a origem do impulso à verdade. O impulso à verdade nasce do esforço de conservação, primeiro em referência ao indivíduo, quando o homem usa o intelecto para enganar o outro, depois em relação à coletividade, que está interessada na instauração da paz entre os indivíduos e procura evitar os prejuízos que a falsidade produz. É nesse momento que a linguagem aparece para legislar conforme as distinções de verdade e mentira. A noção de veracidade serve de apoio para o instinto de preservação. Nietzsche denuncia essa noção utilitária de verdade através da gênese da linguagem. A linguagem não é adequada para expressar *todas* as realidades, nem pode sustentar a verdade num sentido *forte*, seu caráter é a arbitrariedade. Se o conhecimento pressupõe a posse de alguma essencialidade, e se o homem busca algo como a verdade enquanto tal, a ilusão é certa – a linguagem, fundamentalmente metafórica, não permite esse acesso. A origem da linguagem revela as transposições - o que justifica dizê-la metafórica - de significações por instâncias distintas: estímulo nervoso, imagem, som, palavra. Cada transposição é uma metáfora.

Esse trabalho de buscar as origens da linguagem permite o desenvolvimento de uma suspeita imputada à formação dos conceitos. A atitude de conceituar, segundo Nietzsche, acontece porque esquecemos que ela é o projetar de nossos elementos no mundo, algo enfim subjetivo, de modo que ao invés de denominar a própria coisa elegemos arbitrariamente uma característica da coisa, por exemplo, o serpentear da serpente. Assim, o conceituar para Nietzsche é o esquecimento de que não existe na natureza algo como “a folha primordial” e a consequente abstração das diferenças de cada folha que encontramos em sua forma individual, com suas características próprias. Com o exemplo da folha primordial ele pretende explicitar a condição do conceito, que é ser o resíduo de uma metáfora já gasta e esquecida.

Todo conceito surge pela igualação do não igual. Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a uma outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável, despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse “folha”, tal como uma folha primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, coloridas[...]³

O esquecimento que possibilitou o conceituar é a origem da verdade, de modo que essa teoria da representação, sedimentada na antropologia, é inconsciente para os homens. Eles alcançam o sentimento de verdade como um hábito. Essa característica singular do homem, essa “aptidão de liquefazer a metáfora intuitiva em um esquema, portanto de dissolver uma imagem em um conceito,”⁴ entendida agora como o móbil de uma ilusão, proporciona a ordenação de um mundo com suas hierarquias regulares e imperativas. Essa é a tese nietzschiana que conjuga uma crítica antropológica e uma teoria da representação

³ NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira*. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008, p. 35.

⁴ Idem, p. 37.

para atribuir uma suspeita às origens, para ele ilusórias, dos rigores do conceito, da lógica, e, principalmente, sobre a pretensão ou impulso do homem em alcançar à verdade. Para Nietzsche, esquecemos a metáfora intuitiva originária, a nossa única posse e aquela que gera o conceito como um mero resíduo. Aceitando integralmente essa tese, temos tem-se um homem iludido em sua prepotência e inconsciente da natureza da linguagem. Um homem que toma essas metáforas originárias como as coisas mesmas, e a si como a medida de todas as coisas.

Qualquer filosofia que busque implodir a tradição filosófica a partir de suas pretensões de alcançar a verdade através da linguagem e dos conceitos aceitaria a tese de Nietzsche como uma possibilidade fundadora, e o filósofo como um Protágoras da modernidade. Mas cremos que terminaria reduzindo uma tese profícua à sua utilidade enquanto procedimento, acrescentando peso ao seu viés antropológico e perdendo as possibilidades de refletir sobre isso que chamamos uma teoria da representação. A relação de Ricoeur com as leituras da suspeita é definitiva. A hermenêutica negativa é um momento necessário para desmascarar o que está dissimulado, mas a dialética entre o compreender e o explicar, que caracteriza a hermenêutica ricoeuriana, impede a redução do sentido do texto à sua gênese. Sua relação com o texto derridiano acerca da metáfora – *A Mitologia Branca* – é de reconhecimento e ultrapassagem.

2. A TESE DE DERRIDA: O PROCEDIMENTO

Derrida, em sua leitura pós-moderna de Nietzsche, une aos termos da linguística estrutural à suspeita lançada pelo filósofo para equivaler sua teoria da linguagem ao ceticismo do texto original – acrescentando a ele conceitos exacerbantes como o de *usura*, e de *diferença*. O conceito de usura, por exemplo, serve para incluir o discurso filosófico no processo de esquecimento, sendo esse discurso posterior ao apagamento das figuras sensíveis e originais, que ele chama “o sentido primitivo, tornado metáfora por esse discurso”.⁵ É aqui que a leitura de Nietzsche serve de apoio para a suspeita atribuída à metafísica ocidental e ao logocentrismo. A crítica de Nietzsche não basta, como Derrida demonstra na sua apropriação do texto nietzschiano, para implicá-la, enquanto crítica ao conhecimento, na condenação da metafísica ocidental, mas, principalmente, ela não se reduz a esse papel. A tese de Derrida busca numa frase de Heidegger – “O metafórico só existe no interior da metafísica” – um fundamento para essa implicação da metafísica de cunho platônico com a metafórica. A discussão dessa frase é comum a Derrida e a Ricoeur.

Em Derrida, o movimento que caracteriza a metafísica ocidental, a passagem do visível para o invisível ou do sensível para o não sensível, constitui toda a história da filosofia como uma tese filosófica, talvez a tese por excelência, o que significa dizer que sua impossibilidade seria a impossibilidade da própria filosofia. Ele aceita a equivalência feita por Heidegger entre a passagem metafísica do visível para o não visível e a passagem metafórica do próprio para o figurado. A passagem do próprio para o figurado é uma distinção específica, de uma semântica pobre, que reduz a metáfora a uma metafísica caracterizada pela primeira passagem, e que se

⁵ DERRIDA, J. A mitologia branca. In: *Margens da filosofia*. Trad.: Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991, p. 251.

contrapõem a uma ontologia mais ampla, nas palavras de Ricoeur, que “responda ao objetivo semântico de metáforas autenticamente poéticas”.⁶

Para Derrida, essa ligação entre metáfora e metafísica também se revela na *usura* que constitui a metáfora filosófica. Seu projeto de desconstrução denuncia a entropia resultante dessa ligação - sua perda de valor, e a morbidez que constitui as metáforas na filosofia. Sua tarefa no ocaso da linguagem é constatar que o discurso filosófico tanto quanto o sujeito estão agonizantes. Para se aproximar dessa constatação, a tese de Nietzsche, mais uma vez, não basta, embora Derrida proceda em conformidade com uma crítica genealógica da formação dos conceitos, mas a partir de Hegel. A *Aufhebung* hegeliana, que Derrida traduz por *superação*, é a superação “da significação sensível e usada na significação espiritual” (RICOEUR, 2005, p. 450). O que caracteriza inovação para Hegel e Ricoeur, para Derrida é dissimulação da gênese do conceito, idealização que deve ser desmascarada. É o movimento comum à metafísica, ou seja, a filosofia que está sendo denunciada. Movimento, apagamento, passagem, idealização, em suas múltiplas formas a superação é tomada como categoria principal da dialética, e aqui assegura a distinção entre metáforas mortas e vivas. É onde a leitura de Derrida encontra a tese original de Nietzsche, através da sua utilidade para a desconstrução, pois tudo é submetido a ela. O projeto que Derrida considerou de início impossível - teorizar sobre a metáfora do texto filosófico fora da metáfora - esgota-se em sua tentativa de revelar a aporia do discurso filosófico. Sua denúncia da metáfora usada na formação dos conceitos não ultrapassa a primeira crítica feita por Nietzsche, sem incluir a possibilidade de uma leitura mais fértil. Mas as metáforas podem ser reavivadas, e essa possibilidade também coloca a filosofia, enquanto teoria e discurso, num moto-contínuo de produção conceitual e metafórica, sempre possíveis de serem ligadas pela superação.

Essa ideia de uma revivescência das metáforas usadas nos interessa pela verdade metafórica implicada, que, sendo diferente da verdade como correspondência ou coerência, pode fundamentá-las enquanto ficção. A teoria da metáfora em Ricoeur começa a fazer uso de sua ontologia própria, derivada da plenitude da língua. Antes de introduzir essa ontologia, Ricoeur, no que considera o momento polêmico dessa discussão, desfaz os equívocos que Derrida coloca como objeções: as metáforas usadas são aquelas que o léxico engessou, causando entropia na linguagem através de uma semântica pobre. Não é preciso nenhuma ontologia para responder a essas objeções. Elas são respondidas ainda em sua teoria da metáfora enquanto inovação semântica, ou impertinência predicativa que faz surgir o novo na linguagem, ou, simplesmente, metáfora viva.

Expomos as divergências na leitura de Nietzsche sem negar nenhuma das teses colocadas pelo texto *Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*, apenas desejando mostrar o uso que pode ser feito delas ao se ampliar seu caráter de denúncia (1ª leitura). Falta-nos agora esboçar a convergência entre a teoria da metáfora viva e essas teses, tendo em mente que nelas há mais que a denúncia, mas principalmente, tendo como horizonte que Nietzsche e Ricoeur pensam num cogito que não é mais autorreferente ou transparente – cogito que podemos supor como abalado, ferido, opaco. Ricoeur não poderia chegar a ele sem passar pela

⁶ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad.: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 436.

hermenêutica da suspeita. O outro lado da plenitude da língua é a finitude do entendimento.

3. A TESE DE RICOEUR: METÁFORA E IMAGINAÇÃO

O que Ricoeur denomina o enxerto hermenêutico na fenomenologia é o reconhecimento de limites para o entendimento, e que pode ser resumido pela constatação de que há mais na experiência de vida do que a teoria pode captar. A fenomenologia de Husserl, em sua versão idealista, não responderia às objeções de um ceticismo radical. Em Husserl ainda estamos dependentes da primazia da consciência na relação sujeito-objeto, e não há caminhos de retorno para essa experiência de vida – esses caminhos, sabemos, foram trilhados pelos seus sucessores: Merleau-Ponty, Heidegger, etc. Em Ricoeur, há uma contraposição a esse sujeito sem mundo da teoria fenomenológica tradicional, mas também há uma contraposição à impossibilidade do sujeito nas teorias contemporâneas como a de Derrida. A imaginação faz a mediação entre a “perspectiva finita da percepção e o objetivo infinito do verbo”.⁷ É sua proposta para contornar a limitação do Cogito tradicional: a mediação do mundo cultural para chegarmos a um modo de fazer filosofia que se autodenomina “reflexão concreta”. Falaremos então, como faz Ricoeur, de um cogito ferido, e de um modo de pensar intencionalmente fragmentário – acreditamos que essa caracterização geral também aproxime sua filosofia de Nietzsche, ou, como dissemos antes, não poderia ser realizada sem ela.

Depois de encontrar no símbolo o momento privilegiado dessa mediação com o cogito, Ricoeur, em busca de uma crítica restauradora, e não redutora (buscando na hermenêutica da conciliação uma contraposição à hermenêutica da suspeita), tentou responder às objeções de Freud e, posteriormente, do Estruturalismo – que para ele “se assemelhava a uma apologia para um funcionamento anônimo de sistemas de signos sem ancoragem subjetiva”.⁸ O passo seguinte de Ricoeur seria a guinada linguística que caracterizou boa parte das mudanças na filosofia do século XX, e que para ele resultou na consolidação explícita de sua hermenêutica. É nessa guinada que sua teoria da metáfora viva insere-se, como uma filosofia da linguagem e da imaginação sobre um discurso específico, não descritivo, exemplificado pelos poemas e pelas narrativas.

A linguagem, no discurso poético, tem essa dupla referência: a si mesma, enquanto jogo que rompe com o real e o cotidiano da linguagem ordinária, e além de si, enquanto possibilidade de *redescrever* a realidade. A metáfora viva é uma dessas formas de discurso cujos enunciados trazem algo novo à linguagem - são fontes de inovação semântica. Com esses elementos, a filosofia de Paul Ricoeur começa a investigar a criatividade desses enunciados metafóricos a partir da distorção, ou desvio, que ao perturbar a ordem lógica existente gera um novo significado.

A predicação desses enunciados é de um tipo ambíguo (eles dizem “é” e “não é” ao mesmo tempo), e é necessária uma resolução para essa tensão de termos contraditórios. Essa resolução, que não é exigida pelas metáforas mortas, pois elas

⁷ RICOEUR, Paul. Escritos e Conferências 2 – Hermenêutica. Trad.: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Loyola, 2011, p. 17.

⁸ RICOEUR, 2011, p.23.

podem ser traduzidas em conceitos já existentes, é dada pela imaginação. Sua função é participar de uma redescoberta, a partir de uma criação de sentido que nos faz perceber a realidade como hipótese – simular conscientemente. Entendemos como impulso à verdade metafórica essa simulação inspirada pela noção de referência ambígua que Roman Jakobson identifica na poesia, e que é diferente da referência ordinária, descritiva, dita de primeira ordem. Para Ricoeur, simular é possível pelo poder heurístico da ficção, revelado no caráter tensional entre verdade literal e verdade metafórica: “não há outra maneira de fazer justiça à noção de verdade metafórica do que incluir a incisão crítica do ‘não é’ (literal) na veemência ontológica do ‘é’ (metafórico)”.⁹ É no limite da sua teoria da metáfora que Ricoeur encontra Nietzsche.

4. NIETZSCHE E RICOEUR: A CONVERGÊNCIA FINAL

Nietzsche, dando continuidade a sua tese, diz que a tranquilidade no impulso à verdade só é alcançada pelo:

[...] esquecimento desse mundo metafórico primitivo, apenas pelo enrijecimento e petrificação de uma massa imagética que, qual um líquido fervente, desaguava originalmente em torrentes a partir da capacidade primitiva da fantasia humana¹⁰.

Este esquecimento se completaria com o do sujeito enquanto sujeito artisticamente criador. Queremos identificar aqui *capacidade primitiva da fantasia humana* com a imaginação, mas um tipo especial de imaginação, produtora e artisticamente criadora. Aceitamos a tese da metáfora intuitiva originária, aceitamos que ela está na origem da linguagem, mas acreditamos que o conceito não se esgota como resíduo dessas metáforas. Que o conceituar é um jogo mais complexo que igualar o não igual, ou melhor, que ele não se esgota em sua vertente antropológica, encerrada na lógica para a simples sobrevivência da espécie. A crítica mais severa à possibilidade do conhecimento, além da suspeita à pretensão de veracidade, nem foi considerada, e ainda sim, acreditamos que a hermenêutica fenomenológica ricoeuriana responde a altura o desafio. Nietzsche escreve:

A mim me parece, em todo caso, que a percepção correta – que significaria a expressão adequada de um objeto no sujeito é uma contraditória absurdidade: pois, entre duas esferas absolutamente diferentes tais como entre sujeito e objeto não vigora nenhuma causalidade, nenhuma exatidão, nenhuma expressão, mas acima de tudo uma relação estética, digo, uma transposição sugestiva [...] Algo que requer, de qualquer modo, uma esfera intermediária manifestamente poética e inventiva, bem como uma força mediadora.¹¹

A fenomenologia como a pensou Husserl afirma justamente o contrário: a relação entre sujeito e objeto é de constituição mútua. Se decidíssemos parar nessa objeção ficaríamos com duas teses contrárias e incompatíveis, mas, como dissemos antes, a teoria de Ricoeur diz o que compõe esse algo que possibilita uma descrição

⁹ RICOEUR, 2005, p. 388.

¹⁰ NIETZSCHE, 2008, p. 40.

¹¹ Idem, 2008, p. 41.

adequada da relação entre sujeito e objeto. Sua esfera intermediária é uma noção de consciência em conformidade às exigências colocadas por Nietzsche, “manifestamente poética e inventiva”, pois sua força mediadora é a imaginação produtora.

Para não termos uma ciência estruturada sobre a ilusão, nem os homens serem amparados sobre estrutura tão frágil, é preciso responder as “verdades” que, segundo Nietzsche, perturbam as outras verdades, as científicas. Se os homens possuem naturalmente o impulso à formação de metáforas, não podendo abandoná-lo jamais, e precisam do solo seguro de uma ciência estruturada sobre algum tipo de verdade, por que não incorporar ambas as verdades? As do tipo intuitivo, provenientes das metáforas originárias, e as que residem nos conceitos, e conseqüentemente participam do discurso filosófico? É preciso pensar, como Ricoeur, em um jogo tensional entre verdade literal e verdade metafórica.

Até mesmo na derradeira exaltação da dissimulação artística entre os gregos Nietzsche e Ricoeur compartilham uma ideia de plenitude da linguagem. Pois a riqueza das metáforas na filosofia de Ricoeur deve ligar a plenitude semântica à plenitude natural. E a liga através da imitação, da *mimesis*, que para os gregos não correspondia a uma simples imitação da natureza. A *mimesis* possui composição e criação:

Toda mimese, mesmo criadora, sobretudo criadora, está no horizonte de um ser no mundo que ela torna manifesto na mesma medida em que ela eleva ao *mythos*. A verdade do imaginário, a potência de revelação ontológica da poesia, eis o que, de minha parte, vejo na *mimesis* de Aristóteles. É por ela que a léxis é enraizada e que os próprios desvios da metáfora pertencem à grande tarefa de dizer o que é. Mas a *mimesis* não significa apenas que todo discurso está no mundo. Ela não preserva apenas a função referencial do discurso poético. Enquanto *mimesis physeos*, ela liga essa função referencial à revelação do Real como ato. É função do conceito de *physis*, na expressão *mimesis physeos*, servir como índice para esta dimensão da realidade que não se manifesta na simples descrição do que nela é dado. Apresentar os homens “agindo” e todas as coisas “como em ato”, tal bem poderia ser a função ontológica do discurso metafórico. Nele, toda potencialidade adormecida de existência parece como eclodindo, toda capacidade latente de ação, como efetiva.¹²

CONCLUSÃO

Dissemos que Ricoeur encontra Nietzsche no limite da teoria da metáfora viva porque a plenitude semântica não basta, é preciso incorporar à teoria da linguagem uma teoria da ação, que seria impossível sem uma ampliação do conceito de verdade que incluía as verdades do tipo intuitivo, originárias da síntese imaginativa dos enunciados metafóricos. Ricoeur utiliza a análise estrutural de textos advertindo insistentemente que ela não deve ser um sistema de signos sem ancoragem em um sujeito. A questão é solucionar o problema da referência a partir da transição da

¹² RICOEUR, 2005, p. 74-75.

linguagem para a imagem, ressaltando o conteúdo ontológico já pressuposto na sua teoria da imaginação poética. Como demonstram os comentadores de Ricoeur, a origem e o desenvolvimento de sua filosofia da imaginação estão em estreita ligação com o seu projeto filosófico em busca de um sujeito fragmentado que busca continuamente sua identidade e sua particularidade ética (identidade narrativa e ipseidade fazem parte desse desenvolvimento). A imaginação ascende não apenas como síntese, mas como constituição dessa identidade. Obter clareza sobre seu funcionamento nessa constituição representa um ganho fundacional para as teorias que estão aportadas nela.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, J. A mitologia branca. In: _____. *Margens da filosofia*. Trad.: Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 5. Trad.: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Mourão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

MARTON, Scarlet. . Voltas e reviravoltas. Acerca da recepção de Nietzsche na França. In: MARTON, Scarlett. (Org.). *Nietzsche, um "francês" entre franceses*. 01. ed. São Paulo: Barcarolla, 2009.

NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira*. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

_____. Obras incompletas. In: *Coleção Os Pensadores*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural. 1999.

OLIVEIRA, Nythamar de. *Detranscendentalizing Subjectivity: Paul Ricoeur's Revelatory Hermeneutics of Suspicion*. In: *Veritas* 49/2 (2004).

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad.: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. *O Conflito das Interpretações*. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. *Escritos e Conferências 2 – Hermenêutica*. Trad.: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Loyola, 2011.

SCHRIFT, A.D. As disputas de Nietzsche: Nietzsche e as guerras culturais. In: *Cadernos Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.